

À NOSSA VOLTA

Regina Neves

Daquele dia lembrava-se desde o momento em que, vestida de azul, ficara passeando pela sala, cantando bem alto, gesticulando, a radiola na maior altura, seu corpo livre correndo no espaço infinito que sabia criar entre aquelas quatro paredes. Pouco depois Luigi entrou, sem tocar a campainha ou abrir a porta e a ficou olhando (seus olhos eram negros) até que ela se encolheu no canto estreito, sentada na cadeira entre a mesa e a parede, quieta, sem coragem de dizer, vá embora; sem coragem de pensar, vá embora.

Porque já há muito tempo a sua presença não era bem-vinda. Luigi trazia de volta todas aquelas lembranças que a impediam de aprender o segredo de ser feliz com os estranhos. Na sua ausência ela sentia que poderia consegui-lo mas ele voltava e, juntos, recomeçavam o ritual do sonho, ficando cada vez mais difícil a travessia da ponte para o lado de cá. No entanto faltava-lhe coragem de dizer isso a ele: temia a reação que pudesse ter — Luigi tinha uma forte vida própria — e já eram amigos há tantos anos.

Foi naquela grande casa antiga, com ratos no sótão e uma cortina de ciprestes à sua volta, que Luigi apareceu pela primeira vez. Ela morava ali quando pequena e estava sempre sozinha, na companhia de algumas bonecas que não aprendiam a falar nunca, por mais que se conversasse com elas. Naquele tempo, gostava de ficar escondida perto dos ciprestes, bem encolhida, para que os estranhos que passassem pela rua

não a vissem. Nesse caso ririam nervosamente e, partindo deles, o riso era a única coisa que a incomodava. Só conseguira viver tanto tempo com aqueles outros estranhos que compartilhavam com ela a casa velha (como era mesmo que se chamavam? — Pai, mãe. Tinha outros nomes é claro mas gostavam de ser chamados assim) porque eles nunca riam. Gostava também de ouvir o rádio que ficava na sala da cortina grená, que conservava cerrada para que os estranhos não a invadissem. No rádio existiam pessoas que ela podia compreender: viajantes do espaço, cavaleiros mascarados em luta contra a opressão e onde os bons recebiam sempre sua recompensa. Todas essas coisas certas e, portanto, lógicas que não ocorriam no mundo dos estranhos à sua volta.

Ouvia o rádio, sentada na cadeira grande, quando Luigi apareceu, alto e bonito como o cavaleiro negro da Rádio Nacional. Ele lhe dissera «Nayara, você tem que me ajudar a salvar o homem que El Rei mantém prisioneiro». E sem dar tempo para que ela pensasse completou: «monte no cavalo branco de arreios de prata. Ele conhece o caminho da alameda das grandes flores amarelas, onde fôra o Conde. Entregue-lhe essa mensagem». E fizeram planos por muito tempo, até que um dos estranhos havia gritado «Margarida, você está falando sozinha?» Eles eram assim, falavam coisas sem sentido e, também, nunca haviam aprendido o nome dela. Diziam: Margarida, Margot, filhinha. Luigi, não. Luigi sabia todos os seus nomes: Nayara, Cybele, Pérsia e nunca os confundia.

Às vezes, Luigi vinha roubá-la no cavalo negro para salvar as pessoas em perigo em Antuérpia ou na Mesopotâmia mas podiam também ficar prosaicamente por perto de casa pois Luigi sempre dizia «os que nos cercam também estão injustiçados.» Lembrava-se do dia em que iam ser queimados numa fogueira mas na última hora foram salvos porque eram justos e, aí, os bons lhes jogaram flores. Luigi era também o irmão que ia encontrá-la abandonada em terras estranhas ou o pai que corria com ela pelo jardim, enquanto cantava «um dia essa festa será de todos» (nos jardins da casa de

ciprestes não entravam outras crianças). Mas importava-lhe principalmente, em tudo isso, que era imprescindível para ele, para as ações dele, para a vida dele. E nada era tão bom quanto isso: ser imprescindível. Para os estranhos ela era apenas Margarida, que existia como peça componente de alguma coisa que haviam desejado muito e a que chamavam «lar».

Quando cresceu, Luigi dançava com ela nos bailes e dizia-lhe belas coisas. Eram maravilhosas as festas acontecidas no espaço de poucas paredes, festas que eles, os dois, povoavam de todos os estranhos, sem se importarem de que não se lembrassem de nada depois. Por essa época Luigi havia lhe dito em muitas ocasiões: «Hoje, trouxe-lhe flores» ou «Eu te amo» e os estranhos ficavam encantados (quando em sonho eles eram bons).

Mas foi também quando cresceu que as coisas começaram a mudar. Antes, bastava-lhe saber que Luigi viria trazendo o sonho, mas há o dia da chegada da consciência e, a partir daí, não dava mais para viver no fio estremo entre os dois mundos... Não podendo atravessar paredes ou surgir da brisa como o amigo só lhe restou aprender a difícil arte de viver com os estranhos até se tornar um deles. O primeiro passo foi abandonar a casa de ciprestes.

Por algum tempo Luigi não apareceu. E ela já estava até agindo como os estranhos, no princípio analisando claramente seus atos e, depois, já surpreendendo-se quando agia como os outros, sem notar. Era capaz de visitar os estranhos, de conversar longamente com eles sobre o sol e sobre a chuva, de dizer, «o mundo foi sempre assim». Mas, de repente, sem tocar a campainha ou abrir a porta, Luigi voltou e antes que tivesse tempo de mandá-lo embora tomou-a pelas mãos e disse como se fosse segredo: «muitos bons foram feitos prisioneiros».

Mas naquele dia ela resolveu que não iria mais com ele e invocou a força dos estranhos. Num minuto estava agindo como eles. Da cintura de Luigi tirou o punhal de prata que

ele herdara de Lucrecia Borgia e começou a brincar com ele. Talvez tenha sido o medo que viu nos olhos do amigo que fez com que se aproximasse. Luigi chegou a segurar com força o seu pulso mas depois soltou-o com um sorriso triste e não teve mais nenhuma reação.

Ajoelhada ao lado dele, esperou por vários minutos que o corpo sumisse, como seria natural, mas ele teimou em ficar. E, então, foi invadida de sentimentos diferentes que se sucediam rapidamente. Pensou em jogar o corpo pela janela mas teve medo de que a descobrissem (os estranhos fazem leis que lhes causam medo) e, por isso, resolveu guardá-lo numa arca de couro que decorou com sua coleção de selos, em desenhos assimétricos, cheios de poesia (a vida é um sonho, a morte é bela), antes de enviá-la para longe.

Nos Correios iriam certamente perguntar-lhe que carga era aquela e achou melhor levá-la para lá durante a noite deixando-a com um bilhete: «Favor enviar ao Afganistão». (Os estranhos não estão programados para reagir ao insólito e, assim, obedeceriam.)

Não teve vontade de voltar para casa e andou pela cidade toda a noite e todo o outro dia. Uma grande paz estava em torno dela não bastante forte para expulsar uma tristeza sentida até nos seus passos. Quando voltou para casa ainda havia no chão da sala o sangue de Luigi e a marca de seu corpo, que não desapareciam nunca. Durante toda a noite ele a chamou para sonhar e ela se desesperou por não saber como se livrar dele. Mas, finalmente, se lembrou de gritar «Vá embora. Você está sujando de sangue meu tapete» e quando tornou a amanhecer as marcas haviam sumido.

Foi divertido acordar como um estranho tomando café e lendo jornal mas começou a pensar que não agira certo (a consciência dos estranhos recrimina seus atos) e, por um momento, achou que o melhor seria confessar o crime. Mas iriam lhe perguntar quem era Luigi e como lhes responderia. «Um sonho. Não vive aqui. Não come, não mora?».

Resolveu que não iria dizer nada (mais tarde descobriria que todos os estranhos guardam segredos) e gritou bem alto «Meu nome é Margarida» e o disse tantas vezes que acabou acreditando. A partir daí tornou-se um deles.

Até hoje só não pode explicar a estranha remessa que lhe chegou um dia pelo correio: uma grande arca de couro onde encontrou um belo punhal de prata, vindo do Afeganistão. Mas Margarida não estava programada para reagir ao insólito e achou mais fácil abandonar o presente num canto qualquer de sua casa.